



*“Seguem minhas visões de Satolep em ruínas. Hoje foi nossa casa que eu vi: telhado e muro desabados; a face norte destruída, sala, copa e cozinha entregues à ventania; a porta de entrada caída sob plantas tortuosas, entre os tijolos expostos da fachada. Inscrições a tinta, que não pude ler, sujavam as janelas apodrecidas. Não restavam marcas da nossa família.” A voz de meu irmão nos chegava das ruínas, embora ele estivesse ali, de pé, na nossa frente. Sentados à mesa para o café da manhã, nós o escutávamos não sem terror, mas em silêncio. “Chegou a hora de partir”, ele anunciou. O chapéu na cabeça e a sacola de viagem na mão dispensavam a frase. O pai pediu ao motorista que buscasse Selbor, o fotógrafo. O motorista posou conosco, apoiado na balaustrada entre os pilares da varanda. Meu irmão visionário, minhas irmãs e eu paramos muito próximos uns dos outros, na entrada da casa; o pai e a mãe, na janela lateral, que futuramente não estaria mais ali.*

ERGUI A GOLA DO SOBRETUDO, DESCI A ABA DO CHAPÉU até perto dos olhos e troquei as dependências do hotel pelas da cerração. Satolep estava apropriadamente decorada para minha festa solitária. As coisas geometrizadas pelo frio mostravam-se voláteis. Linhas rígoras à luz do dia eram agora ausência de contornos. Fazer trinta anos era perder-me no nevoeiro tendo em vista a concretude da cidade ou o contrário? Um cão flutuava atrás de uma charrete que passava. O granito do meio-fio corria ao meu lado, às vezes reluzente em sua umidade, às vezes dissipado em vapor luminoso; um outro cão, de pedra e de nuvem, cão de alguma mitologia, condenado a nascer e morrer indefinidamente. Nascer pedra e morrer nuvem? Nascer nuvem e morrer pedra? Trinta anos. Soprei velinhas imaginárias, e minha alma revolteou diante de mim.

---

COSTUMAVA VER MINHA ALMA QUANDO CRIANÇA, AO bafejar nas vidraças de junho para nelas escrever meu nome. Minha alma carregava meu nome. Mas, durante o longo período que vai do fim daqueles primeiros anos à noite do meu trigésimo aniversário, eu não a vira. Viajando pelo mundo, esquecera-me dela. Quando desejei revê-la, achei que ela não comportaria mais a minha letra, que já não reconheceria a minha digital. Isso foi em outro junho, outro começo de inverno: enquanto a temperatura caía em Satolep, eu me terminava na rotina de calor abrasador do norte brasileiro, extremo oposto do país. Minha mala, como sempre ainda não desfeita no chão do quarto, pesava mais que o habitual, pelo incômodo cada dia maior de uma provisoriedade enfermiza que se aninhava entre as minhas camisas. *Estar longe é um grande telescópio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa.* As camisas faziam-me recordar essa frase de Eça de Queirós que meu pai gostava de citar. As camisas faziam-me recordar meu pai. Eu avançava nu pela penumbra da casa. Deixava o quarto, atravessava o corredor, entrava na cozinha. Meus olhos testemunhavam o sol infalível e insidioso aquecer, por uma fresta da janela, o prato de comida intocado, esquecido sobre a mesa na noite anterior, mas não diziam nada do que viam no telescópio. Eu não estava seguro do que via. A poeira bailava no cilindro de sol. Meus olhos eram feitos de poeira. O mundo me queimava. Servi-me de água no filtro de barro, enquanto meus pés úmidos buscavam conforto no piso resfriado pela madrugada. Há muitos anos eu

deixara a terra da minha primeira camisa para trás e saíra em busca do sol. Buscara-o longe de Satolep, encontrara-o em toda parte; entregara-me a ele como quando, criança, já despido, ajoelhava-me o mais próximo possível da lata com álcool em chamas que aquecia o banheiro na hora do banho e ali me deixava ficar vendo a chuva lá fora nas telhas enegrecidas pela umidade, nos buracos das calhas, nos vidros da basculante. Agora, era junho outra vez, mas eu evitava o calor do sol como uma lesma evita o sal derramado em seu caminho. “Cuidado para não virar a lata”, minha mãe sempre alertava. Espiei a calçada pela veneziana, e uma gota de suor percorreu-me o lado esquerdo do rosto. Que gesto imprevisto entornara o álcool em minha direção?

---

O MUNDO ME QUEIMAVA. HÁ QUANTO TEMPO EU ESTAVA naquela cidade? Como era mesmo seu nome? Cessado o calor, veria folhas secas cobrirem a calçada? Veria depois um vento gelado varrê-la e depois flores renascerem nos canteiros e depois o sol voltar na justa medida da falta que eu sentiria dele? Eu me perguntava pelas estações do Sul, por minhas próprias estações. Pensava se as tivera um dia. Ultimamente, eu, as estações e os lugares parecíamos sempre os mesmos. “Gosto de renovar o guarda-roupa, trocar roupas leves por agasalhos”, minha mãe sempre dizia, com a chegada do inverno. No começo da primavera, meu pai observava: “Estamos como o pátio, perdendo as marcas de umidade”. Na penumbra da cozinha, meu olhar parecia buscar consolo nessas imagens remotas. Seriam as tais virtudes da terra da minha primeira camisa no grande telescópio? Quando eu era criança, as marcas de umidade demoravam a passar. Satolep demorava a passar. Eu temia que não passasse nunca. Para que passasse, eu a deixaria para trás como se ela nunca houvesse existido. Mas agora, tantos anos e lugares depois, em sons de charretes, palavras, perfume de damas-da-noite, alguns casarões, algumas noites, coisas indistintas, lá estava ela outra vez, como algo de que eu necessitasse. Satolep ainda não passara. Com ela, meu temor de que não passasse. Eu, criança, mais rápido que o tempo, também ainda não passara. Lá me vinha eu caindo pela escada do sobrado em que vivera parte da infância – partes do sobrado me surgindo lentamente, que tão lentamente surgindo, que tantas partes do sobrado, que tantos gritos tão parte do sobrado, que tanto o sobrado surgindo e demorando a passar.